

RIF

Entrevista

Excursão para Aparecida
Canção nova e Frei Galvão
Dia 16 de maio as 20 horas
140,00 cada pessoa = Fome =
33

Luís Humberto Marcos incentiva diálogos internacionais

Em entrevista à RIF, organizador do I Encontro Internacional de Folkcomunicação revela aproximações entre Brasil e Portugal

Ádria Siqueira¹



Em 10 de abril de 2014, no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), na cidade do Porto (Portugal), aconteceu o I Encontro Internacional de Folkcomunicação – “Registrar, Investigar e Partilhar”, com o intuito de reunir pesquisadores ibero-americanos para discutir, conhecer e fortalecer o campo teórico da Folkcomunicação.

O evento, que representou um momento de aproximação entre pesquisadores brasileiros e portugueses que focam seus estudos na cultura e na comunicação popular, foi organizado por Luís Humberto Jardim Marcos. O pesquisador é professor e coordenador do Curso de Ciências da Comunicação do Instituto Superior da Maia (ISMAI), diretor do Museu Nacional da Imprensa localizado na cidade do Porto e secretário geral da Associação Ibero-Americana de Comunicação (AssIBERCOM). Licenciado em Psicologia,

¹ Graduada em Comunicação Social - Radialismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, estudante de Jornalismo pela mesma universidade, com graduação sanduíche na Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Investigadora do Grupo de Pesquisa - Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade, IMACCUS. E-mail: adriasiqueira@hotmail.com

mestre em Ciências da Comunicação e doutor em Ciências da Informação pela Universidade Complutense de Madrid, é co-fundador do Centro de Formação de Jornalistas (CFJ) da Escola Superior de Jornalismo e da Associação Museu da Imprensa (AMI), no Porto, da AssIBERCOM e do European Multimédia Forum (Bruxelas). Desenvolve pesquisas sobre história da imprensa, censura e *cartum* e já participou por diversas vezes de eventos científicos no Brasil.

Em entrevista à *Revista Internacional de Folkcomunicação*, o organizador do I Encontro Internacional de Folkcomunicação revela perspectivas de ampliação das pesquisas na área a partir do fortalecimento de redes de pesquisa entre países. Ao final, apresentamos um registro de algumas imagens e informações sobre o evento realizado em território português.

Qual a importância de um encontro em Portugal sobre a Folkcomunicação, sendo esta uma teoria brasileira e ainda não muito difundida no país?

Luís Humberto - A importância foi grande, porque, por um lado o próprio conceito ainda não está suficientemente disseminado. Ainda há muita gente que se interroga sobre o que é este espaço científico dentro das ciências da comunicação que se chama Folkcomunicação. Por outro lado, mesmo alguma pessoas sabendo, ainda estamos dando os primeiros passos nos estudos nessa área. Portanto, com este I Encontro Internacional, quisemos assinalar um momento de procura, um momento de partida, para uma altura que eu espero que não tenha fim. Ou seja, temos que continuar a fazer por muitos anos pesquisas, fazer reforços de rede, trabalhar em conjunto, para ver as diferenças, as semelhanças e, sobretudo, os novos caminhos que a Folkcomunicação tem, tanto no espaço do Brasil, como na Europa.

Qual a expectativa por parte dos alunos de conhecer a teoria da Folkcomunicação?

Luís Humberto - Nós tivemos vários alunos a fazer trabalhos, entrevistar os participantes, fazer reportagens sobre o acontecimento. Há um grande desconhecimento. Eu espero que a partir de agora possa haver interesse em desenvolver mais as pesquisas e o trabalho de levantamento. É preciso fazer um registro do que se tem sido este espaço mesmo que não tenha designação de Folkcomunicação. Fazer o levantamento, registrar, para depois investigar e a partir daí partilhar. São as três palavras chave que nos demos a esse

encontro internacional. Eu espero efetivamente que consigamos registrar mais, investigar muito mais e partilhar ainda mais.

Quais os seus futuros projetos com a Rede Folkcom no Brasil?

Luís Humberto - Essa pergunta eu não sei. No momento, eu não penso em muitos projetos, mas com esta ideia que surgiu de se criar um núcleo de uma rede, eu espero efetivamente que nós consigamos aprofundar projetos de parceria, que permitam efetivamente criar um reforço desse espaço de investigação. O que acontece é que muita gente pode não concordar com a designação da Folkcomunicação, porque encontram os elementos, os objetos de pesquisa em outras áreas científicas e nós temos, por um lado, que registrar essa forma de entender, mas temos, sobretudo, que promover a pesquisa e fazer com que a clarificação do conceito permita uma valorização de uma nova teoria, de uma nova perspectiva que é lusófona, ou seja, é preciso apresentar teorias novas que falem português ou eventualmente também espanhol.

Já pensou em aproximar os estudos de *cartoon* e caricaturas com as teorias da Folkcomunicação?

Luís Humberto - Já pensei e já fui convidado para fazer uma comunicação sobre o tema. Quem sabe, no futuro, um dos trabalhos de pesquisa vai focar essa área. Porque há uma tradição muito antiga de satirizar a sociedade, de analisar através da sátira, através do humor e é claramente esse espaço analítico que se pode enquadrar na Folkcomunicação.

O senhor pretende viajar ao Brasil para participar da próxima Conferência de Folkcomunicação em Cuiabá, em 2015?

Luís Humberto - Eu pretendo. Não sei se tenho efetivamente tempo, mas gostaria muito. Gostei do último encontro em que pude estar a falar do São João. É uma área que me interessa bastante. Espero efetivamente que haja condições de agenda para partilhar com os brasileiros esta área e darmos um passo a mais na partilha, na conjugação de esforços, para uma força da Folkcomunicação.

Como foi participar da Conferência Brasileira de Folkcomunicação em Campina Grande, na Paraíba?

Luís Humberto - Eu gostei muito! Foi um orgulho muito grande. Eu já tinha estado também num outro evento, em que foi possível dançarmos o São João noite afora até o amanhecer do sol. Foi uma experiência extraordinária. O Brasil tem sempre essa forma alegre de nos integrar no mundo, nos ajudar a saber viver, a ver com um pensamento que visa a qualidade de vida, que visa no fundo a reflexão e a ecologia, digamos assim, da comunicação. Acho que se pode ter uma maior qualidade, digamos na vida, se efetivamente nós pensarmos e estivermos no espaço da afetividade e da reflexão que é a Folkcomunicação.

Portugal é um celeiro para as pesquisas em Folkcomunicação. Que temas poderíamos encontrar por aqui?

Luís Humberto - Alguns dos temas estavam nos investigadores que estiveram presente no nosso primeiro encontro internacional. Há temas relacionados com a literatura oral, com o discurso oral, há temas mais relacionados com o folclore em si, há temas de reflexão sobre a música e a relação existente entre ela e as perspectivas de sociedades e comunidades. Há um conjunto muito variado de espaço para literatura, há para a literatura do banheiro com as frases que são deixadas, os provérbios etc. Há um conjunto de campos que, mesmo pertencendo a outras áreas, têm que ser analisados sobre o olhar da Folkcomunicação. Ou seja, há muitas áreas. A Folkcomunicação é muito transdisciplinar, multifacetada ao nível dos olhares que podem refletir sobre os mesmos objetos, mas o que nós temos que fazer na folkcomunicação é trazer para o espaço teórico da comunicação, das ciências da comunicação, aquilo que eventualmente é de outras disciplinas e tem sido no fundo as amarras, digamos assim, dessas mesmas reflexões que tem sido feitas.

Há alguns pesquisadores brasileiros, como Osvaldo Trigueiro e Severino Lucena, que estudam objetos empíricos em Portugal, como festas populares e São João, utilizando a reflexão da teoria da Folkcomunicação. Como o senhor vê essa aproximação ou legitimação de pesquisas empíricas e teóricas em Portugal por parte dos brasileiros?

Luís Humberto - Eu acho que é muito bem vinda. É ótimo que os pesquisadores brasileiros tenham encontrado, nos objetos de Portugal, condições para fazer exatamente esses estudos empíricos. O que é preciso é eventualmente agora darmos um passo a mais no

sentido de comparar, fazer estudos comparativos a partir do mesmo objeto, para ver como, no fundo, as características desses objetos da cultura popular funcionam e tem evoluído quer em Portugal, quer no Brasil. Então é preciso fazer mais estudos comparativos, mas são todos bem vindos. Quer o professor Oswaldo Trigueiro, quer o professor Severino, têm no fundo feito um trabalho de abertura de canais para estudos posteriores.

Que mensagem o senhor deixa para os pesquisadores em Folkcomunicação no Brasil a partir de Portugal?

Luís Humberto - Eu sou muito pouco mensageiro. Eu gosto de mexer, gosto de fazer com que se vire as coisas no avesso. Portanto, desformatar, investigar e partilhar, ou seja, é preciso cada vez mais pegar os objetos concretos e transpor metodologias para outros espaços, para enriquecer outras equipes. Cada vez mais, do meu ponto de vista, os estudos de folkcomunicação são espaços de partilha, são investigações que se centram por um lado na racionalidade e muito no coração, no afeto. Porque as festas trazem exatamente isso, trazem aquilo que do ponto de vista da comunicação é importantíssimo, que é o relacionamento com os outros. É a troca de afetos, e a comunicação quando é fortemente marcada pelo afeto é muito mais rica. E o mundo, com a comunicação, também se valoriza com essa mesma afetividade, com essa riqueza.

Que projetos o senhor vem desenvolvendo atualmente junto ao Museu da Imprensa?

Luís Humberto - Nos estamos a desenvolver vários projetos. Estamos a desenvolver uma exposição que vai ser montada na Rússia para o próximo ano, há outros projetos sobre os 40 anos de 25 de abril que está agora a celebrar-se que vai espalhar exposições por todo o país e temos uma exposição que vai abrir em julho deste ano, sobre o centenário da primeira grande guerra mundial em que o Brasil também intervém. Também vamos realizar uma exposição em que vamos mostrar algumas características do humor na imprensa e da censura.

Quais os desafios de administrar um Museu de Imprensa em plena era digital? Essa rica contribuição entre o impresso e o digital legitima e fortalece o campo?

Luís Humberto - Fortalece. É um desafio muito grande, sobretudo porque o nosso museu foi primeiro museu vivo que surgiu em Portugal. No dia da inauguração do museu mais *Gutenberguiano*, com as máquinas antigas tipográficas, nós introduzimos também no ciberespaço o museu virtual da imprensa. Fizemos duas coisas, mantivemos um pé no Gutenberg e um pé no futuro com o museu virtual. Portanto, nós já lidamos com essa realidade desde 1997, há 17 anos, quando inauguramos o museu. Nós pensamos que o espaço virtual não diminui o espaço físico, e sim valoriza o espaço físico, chama as pessoas para o conhecimento concreto que pode haver no espaço cultural como é o Museu Nacional da Imprensa.

Sabemos que o Museu Nacional de Imprensa é referência mundial. A exposição “Miniaturas Tipográficas”, com as 160 peças que mostra a evolução da imprensa, oferece este registro da história ao público. Qual a importância de um acervo deste em plena era em que se valoriza muito a tecnologia digital?

Luís Humberto – A importância é exatamente por ser o contraponto ao digital. O digital pode parecer que é virtual, é passageiro, é pouco visível, desaparece. E essa coleção, como outras coleções que nos temos, ajudam a retornarmos ao objeto concreto. Eu acho que do ponto de vista psicológico, o ser humano precisa da concretude. O virtual é fugaz e o que é rígido, o que é físico, constitui uma sedução. Quanto mais virtual, mais necessidade nós temos de estar próximos dos objetos. É como o amor. Quanto mais o amor é virtual, mais queremos o amor físico, não é? É preciso agarrar, é preciso sentir a pele e nós só sentimos a pele se ela existir. Não há pele virtual e ela não conta, tem pouco valor. Tem o valor informativo e eventualmente documental do ponto de vista do reconhecimento de alguns elementos, mas de fato do ponto de vista das sensações, do ponto de vista daquilo que é uma marca do ser humano que é sua emotividade, não tem. Portanto, quanto mais temos o virtual, nos precisamos mais de chegar próximo do físico, do que é real. Porque é nessa duplicidade que nós conseguimos construir também a valorização do ser humano.

Registros do I Encontro Internacional de Folkcomunicação

Luciana Garcia²

Na manhã da quinta-feira, 10 de abril de 2014, no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), na cidade do Porto (Portugal) aconteceu o I *Encontro Internacional de Folkcomunicação* – “Registrar, Investigar e Partilhar”.

Dando início à abertura do evento, o professor Dr. Itamar Nobre, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), fez uma breve retrospectiva dos encontros e eventos já realizados pela Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação e discorreu sobre a biografia de Luiz Beltrão, fundador da teoria, avanços nos estudos da Folkcomunicação no Brasil e o andamento das pesquisas na área.

A primeira sessão, “Folkcomunicação - Raízes e Sociedade”, foi mediada pelo professor Dr. da Universidade de São Paulo, José da Silva Ribeiro, que falou sobre os desafios e as inquietações provocadas pelos novos estudos neste campo. Em seguida, o professor Dr. emérito da Universidade do Porto, Arnaldo Saraiva, trouxe em suas reflexões os apontamentos extraídos da pesquisa “A Citação e a Excitação Proverbial”, na qual fez um resgate dos provérbios populares portugueses. O professor Phd em História Antiga e Arqueologia, do Instituto Galego de Estudos Celtas (IGEC), Alberto Pena, apresentou os resultados dos seus estudos sobre comunicações representativas nas pinturas rupestres no território da Galícia. Dando continuidade, o pesquisador Ms. Élmano Ricarte, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/BR), apresentou um breve resumo de sua dissertação de mestrado sobre as festas populares no fotojornalismo e abordou as reflexões obtidas na investigação sobre o significado das cruzes nas estradas brasileiras.

Após o intervalo, foi dado prosseguimento à sessão com alguns apontamentos extraídos da pesquisa da doutoranda em literatura da Universidade do Porto, Isabel Rio Novo, que apresentou as características da literatura com diferentes modos de produção, circulação e recepção textuais fora do eixo da dita literatura consagrada. Assim, para finalizar a sessão, a pós-doutoranda da Escola de Comunicações e Artes da Universidade

² Estudante de Publicidade e Propaganda, bolsista de Iniciação Científica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

de São Paulo, Maria Isabel Amphilo, apresentou sua investigação pautada nas ferramentas folkcomunicacionais.

Na segunda mesa, mediada pelo professor Dr. António Hohlfeldt, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a professora Dra Fátima Nunes, do Instituto Universitário da Maia (ISMAI), discorreu sobre sua investigação “Blogue, Para literatura e Cultura Popular: o caso de Crônica do Autocarro (2013)”. Na mesma mesa, estava presente o professor Dr. Manuel Jorge Marmel, que propôs uma reflexão acerca da literatura oral, marginal e popular. Em seguida, a professora Dra. Eliane Mergulhão, da Universidade Paulista (UNIP), apresentou parte dos resultados de sua pesquisa “Um Salvador do Naufrágio: folkcomunicação, história e memória na literatura de Luiz Beltrão”. Dando continuidade ao evento, o professor Carlos Nogueira, da Universidade Nova de Lisboa, discorreu acerca da literatura de cordel com ênfase nos folhetos de Manoel Monteiro. Segundo o pesquisador, o cordel é uma importante ferramenta de manifestação da cultura popular brasileira. Em seguida, a professora Regina Cunha, da Universidade do Minho, evidenciou alguns registros e estudos da teoria da Folkcomunicação proposta pelo brasileiro Luiz Beltrão, obtidos nos encontros internacionais realizados pela Federação das Associações Lusófonos de Ciências da Comunicação – LUSOCOM. Mais adiante, o Pe. António Fontes falou sobre a análise do *Jornal de Barroso*, em que buscou recuperar a identidade do povo na urgência pelo resgate das memórias contidas nos festejos, nos discursos, nos elementos peculiares que manifestam a cultura popular da região de Barroso (Portugal), local onde circula este jornal. Finalizando a sessão, a professora Dra. Conceição Lopes, da Universidade de Aveiro, trouxe em sua fala as análises realizadas a partir do processo de comunicação humana nos festejos populares religiosos.

Na mesa de encerramento do *I Encontro Internacional de Folkcomunicação*, estiveram presentes o professor Dr. José Ribeiro, o professor Dr. António Hohlfeldt, a professora Dra. Célia Vieira e o professor Dr. Moisés Martino. No primeiro momento, a professora Célia discorreu sobre as novas perspectivas de pesquisa na Folkcomunicação com estudos transculturais e multidisciplinares. Assim, segundo ela, há uma necessidade de consolidação de uma nova linha de estudo da cultura europeia, sul-americana e africana, em que possa haver uma ampliação das pesquisas e proporcionar um intercâmbio de saberes para além das fronteiras. Em um segundo

momento, o professor Hohlfeldt falou sobre o profundo preconceito que ainda existe com as práticas de caráter popular - sejam elas na gastronomia, no campo da medicina (natural), na dança, na música, dentre outros. Para tanto, há a necessidade, antes de tudo, de uma aceitação e reconhecimento da cultura popular. Além disso, em meio à transdisciplinaridade, há uma busca pela articulação das diferentes áreas com o campo da Comunicação.

No terceiro momento, o professor Moisés abordou os Estudos Culturais, além de registrar algumas manifestações intituladas como “Patrimônio Cultural Imaterial” num resgate da memória – o próprio Fado foi classificado como tal. E, para finalizar a mesa, o professor Dr. Luís Humberto Jardim Marcos apresentou uma reflexão sobre os novos rumos a serem adotados nos estudos Folkcomunicacionais a partir dos olhares que surgiram do *I Encontro Internacional*, das produções científicas em constante difusão, da ampliação da teoria folkcomunicação, seguindo a premissa do evento “Registrar, Investigar e Partilhar”. Ademais, o professor falou do pioneirismo do Brasil nos estudos em Folkcomunicação, fazendo menção ao escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo.

Para encerrar com entusiasmo e confraternização a presença internacional da teoria da Folkcomunicação, no final da tarde, houve uma queimada com esconjuros com a presença do Pe. Fontes e o senhor Vilar de Perdizes. Na ocasião, o Pe. realizou um esconjuro que, segundo a lenda, quem bebe da queimada (bebida alcoólica a base de aguardente queimado e açúcar) fica protegido de feitiços e espíritos malignos. Assim, depois desta apresentação de uma crença popular de origem medieval, finalizou o *I Encontro Internacional de Folkcomunicação* em Portugal.



Foto 1: Mesa temática do I Encontro Internacional de Folkcomunicação



Foto 2: Mesa de encerramento do I Encontro Internacional de Folkcomunicação



Foto 3: Atividade cultural do evento



Foto 4: Participantes acompanham ritual medieval no encerramento do I Encontro Internacional de Folkcomunicação